

REPRESENTAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIMA BARRETO

Ajanayr Michelly Sobral Santana - UEPB
mimysobral@hotmail.com

Polyana Santos Cavalcante- UEPB
Orientador: Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva
jomarricardo@uol.com.br

RESUMO

Lima Barreto (1881-1922) nasceu no Rio de Janeiro, era neto de escravos e tinha consciência da sua condição étnico e racial. Atuou como jornalista na imprensa da época, deixando um legado em forma de contos, crônicas e romances. Dentre as problemáticas abordadas em suas obras, encontra-se a temática relativa às relações de gênero. Foram analisadas a obra *Clara dos Anjos* (1994) e *Todas as Crônicas* (2004) de Lima Barreto. Deste modo, realizaram-se as análises destas obras, observando, a partir da temática central, relações de gênero, os seguintes aspectos: preconceito racial e social, educação e relações familiares. Para tal estudo, foi pertinente a análise da biografia do escritor, que nos permitiu traçar um perfil socioeconômico e a visão de mundo de Lima Barreto. Com relação às análises das representações de gênero contidas nas obras de Lima Barreto, constatamos as representações dos papéis e funções sociais do homem e da mulher, procurando compreender os códigos e as normas constituídos na sociedade, com objetivo de regular e reproduzir os comportamentos e valores sociais. O estudo verificou que as representações e relações de gênero, expressas em suas obras, demonstram sua posição crítica com relação à educação feminina, ao denunciar as condições que tinha que se submeter à mulher na sociedade. Nossa pesquisa concluiu que a obra de Lima Barreto é permeada por uma perspectiva de justiça, entendida no sentido nietzscheano, que a concebe apenas em termos de relações entre indivíduos de poderes iguais. Portanto, quando ele denunciou o preconceito racial e as injustiças sociais, tanto percebidas como vivenciadas, estava se posicionando contra a ordem social dominante da época, que deixavam os grupos étnico-sociais, e especificamente a mulher, em situação subordinada em relação aos grupos mais favorecidos socioeconomicamente. Deste modo, podemos reconhecer que o pensamento de Lima Barreto, revisitado nesta investigação, proporciona uma reflexão sobre a educação no tocante à observação de valores, tais como justiça, respeito aos direitos dos outros e solidariedade com os segmentos sociais marginalizados.

Palavras-chave: Configuração, Lima Barreto, Mulher, Representação.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de reflexões advindas da pesquisa intitulada *Representação e relações de gênero em Lima Barreto*, vinculada ao PIBIC/ CNPq/UEPB cota 2008-2009, sob a orientação do Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva (UEPB/DFCS).

Este artigo tem como objeto analisar as representações das relações de Gênero na obra de Lima Barreto. Deste tema foi destacado um período, início do século XX, nas suas primeiras décadas, em razão da divulgação de sua obra, que começou em 1900, com a publicação de crônicas em jornais, romances e contos, até a sua morte em 1922.

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo João Henrique Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade (BOSI, 1983, p. 357).

Nesse período o Brasil passava por transformações de ordem econômica, política e social. Poucos anos após o nascimento de Lima Barreto foi proclamada a República (1889) e sancionada a Abolição da escravatura (1888). Estes dois fatores para Costa (E. V., 1995, p.328), são, na verdade, “sintomas de uma mesma realidade”; repercussões na esfera institucional das mudanças ocorridas na estrutura do país.

Lima Barreto retratou em sua obra a cidade do Rio de Janeiro, com as tensões sociais peculiares ao período dos primeiros vinte anos da República. As suas personagens traziam os mesmos problemas que os membros dessa sociedade vivenciavam. Morreu em 1922, ainda jovem, aos 42 anos, em vista as complicações provocadas por excesso de bebida alcoólica, de colapso cardíaco, sem o reconhecimento literário que tanto almejou para si.

Nesse sentido, esperamos contribuir, através da análise dos textos desse escritor, para superar uma suposta dicotomia existente nos trabalhos sobre ele que ora o rotulam de misógino, ora, se não de filógino, de um defensor das mulheres. O que se pretende é analisar a obra em sua complexidade, fazendo esforço para não cometer anacronismo, nem perpetrar a projeção de valores atuais para o passado, mas empreender a busca das motivações que o norteavam para que assumisse determinadas posições em relação às mulheres. Enfim, compreender como se efetivou as representações das relações de gênero na obra de Lima Barreto, a partir das suas experiências vivenciadas na sua trajetória de vida e expressas em opiniões nas crônicas jornalísticas e através das personagens em obras ficcionais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Para realizarmos tal estudo utilizamos os conceitos de representação e configuração, dos autores Roger Chartier (1990) e de Norbert Elias (2001), respectivamente. A partir desses conceitos compreendemos como se efetivou uma representação das relações de gênero nas obras do escritor.

Concernente a representação, na perspectiva de se investigar esse processo, a história cultural contribui pela definição do seu objeto. A sua preocupação está centrada na busca da compreensão dos motivos das posições e interesses dos atores sociais que designam a realidade a partir de sua cosmovisão (CHARTIER, 1990, p.19). Enquanto operacionalização metodológica dessas representações sociais, como categorias para apreensão do real, Chartier (1990, p. 23) enumera três possibilidades: delimitações das configurações, com as quais são construídas, por diversos grupos, a realidade social; reconhecimento da identidade social que mostra a maneira peculiar de estar no mundo e as posições idiossincráticas, e as formas institucionalizadas que alguns “representantes” marcam a existência do grupo, classe ou comunidade.

Para alcançarmos as análises das configurações das relações de gênero, no final da segunda metade do século XIX e início do século XX, utilizando a obra de Lima Barreto como fonte histórica, tornou-se necessário considerar as mudanças ocorridas nas esferas da sensibilidade e do comportamento, que naquele momento se estruturava, sob duas tendências: a formação do Estado, responsável pela pacificação da esfera social, oriunda do monopólio da força, e o controle das emoções e dos afetos que emanam da intensificação das relações interindividuais (CHARTIER, 1990, p.109).

Em se tratando da noção de configuração, temos o registro de que as representações das relações de gênero em Lima Barreto, não podem ser consideradas simples epifenômeno da consciência, que leva-nos a ignorar a relação existente entre sociedade e indivíduo e a não compreender o fator fundamental: a formação social. Essa é forjada por uma rede de interdependências de conflitos, que para se reproduzir supõe “um entrançado flexível de tensões” (ELIAS, 1970, p. 142). Então, a tarefa é “saber de que modo e por que os indivíduos estão ligados entre si, constituindo, assim, figuras dinâmicas específicas. Só é possível a pista de uma resposta para tal questão se determinarmos as interdependências entre indivíduos” (ELIAS, 2001 a, p.213-214).

Elias professa que o ofício do sociólogo é realizar a análise dessas configurações específicas, envolvendo indivíduos entrecidos em malhas do contexto social. As

relações entre estes se dão de tal forma que suas ações não obedecem às deliberações de vontades particulares, mas emanam das regras estabelecidas pelas relações sociais de pura concretude.

Com a finalidade de atingirmos os objetivos estabelecidos neste trabalho, realizamos uma prévia seleção de fontes para o desenvolvimento da pesquisa, que constitui a escolha de duas obras do autor e sua biografia, escrita por Francisco de Assis Barbosa (2002), possibilitando a coleta de informações necessárias para a análise. O critério para a opção recaiu sobre aqueles textos que contemplavam, de maneira mais explícita possível, o objeto da pesquisa.

Após o enunciado dos conceitos e a seleção das fontes de pesquisa, passamos a designar o método de procedimento para se chegar ao objetivo determinado, que dada às características da pesquisa, obedecem ao método indiciário. Segundo Ginzburg (1989, p.144), desde a segunda metade do século XIX estava posto um paradigma epistemológico no âmbito das ciências humanas. O método era utilizado na perícia de obras de arte, com intuito de diferenciar as legítimas das falsas, investigando aspectos aparentemente irrelevantes de um quadro, e menos influenciados pelas características da escola a que o autor pertencia.

Ginzburg (1989, p. 147) estabelece uma comparação desse método de Morelli com o da psicanálise e com o que era atribuído a Sherlock Holmes, personagem das histórias criadas por Arthur Conan Doyle. “O conhecedor de arte é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria” (Wind apud Ginzburg, p.145). Freud reconheceu as semelhanças dos métodos: “Creio que o seu método está estreitamente aparentado à técnica da psicanálise médica. Esta também tem por hábito penetrar em coisas concretas e ocultas através de elementos poucos notados ou despercebidos, dos detritos ou ‘resíduos’ da observação” (FREUD, 1954, p.95). Assim aplica-se o método indutivo que demonstra ser mais adequado porque este autor possui noções e idéias, disseminadas na sua obra, sobre relações de gênero. Ao recolherem-se essas proposições particulares, almeja-se configurar uma proposta de nível geral.

Para atingir esse desiderato, inicialmente executou-se o recorte dos conteúdos, de algum modo, já realizado quando da seleção das fontes, conformadas nas obras a serem objeto de investigação. Num segundo momento, em relação ao próprio objeto construído e intenções da pesquisa, assinalaram-se as unidades de conteúdo, que, dadas às metas propostas, formaram uma constelação de sentidos. Assim, a designação das

unidades de análise seguiu uma ordem temática ou concernente às estruturas gramaticais como orações e frases, expressando termos particulares sobre a educação da mulher.

Este trabalho de pensamento, com a finalidade de configurar as noções de educação presentes no referido escritor, fez surgir as “categorias históricas” (LOPES, 1994, p.21). Conseqüentemente, estas permitiram ao pesquisador responder as arguições realizadas ao seu objeto. O corolário da relação estabelecida entre o investigador versado na arte de inquirir, a criação da problemática e o conhecimento proporcionado sobre o que se almeja conhecer dentro de uma totalidade possível, constitui-se em segmento do próprio ato da pesquisa.

Lima Barreto, uma pessoa que trouxe na pele a distinção de pertencer à descendência de escravos teve, em parte da sua obra, uma preocupação com a situação da mulher negra e pobre. Estas características sociais são as bases empíricas para se analisar a sociedade em que ele viveu através das categorias de raça e classe social.

ANÁLISE DAS FONTES DA PESQUISA

Por meio dessa análise, vimos como se resulta a construção de representação e relações de gêneros em Lima Barreto. O referido autor transpõe para suas narrativas problemas que afligem o povo do Rio de Janeiro, mais especificamente uma significativa parcela da população, tais como negros, mulatos, prostitutas, mulheres pobres e funcionários públicos. Como observador não deixava de trazer para as suas análises jornalísticas, romances, contos e crônicas, os acontecimentos que afetavam os grupos menos favorecidos da sociedade.

No romance *Clara dos Anjos* (1994), Lima Barreto traça o perfil da mulher na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, em que mostra a visão de uma sociedade patriarcal e discriminadora. São apresentadas na obra visões relativas às representações da mulher, em que são denunciados os aspectos negativos em relação à cor e a condição social da personagem Clara dos Anjos. A análise constatou que a educação recebida pelos pais a moldou numa moça frágil e ignorante para enfrentar os perigos da vida, como se deixar ser persuadida por um sedutor. Neste sentido, o escritor coloca as relações familiares como sendo um dos principais fatores da educação e na

formação do caráter das personagens Clara dos Anjos e Cassi Jones, em que a educação que receberam dos pais será fator principal para moldar a personalidade de ambos.

A preocupação dos pais de Clara do Anjos era que a filha não fosse desonrada, vítima da insídia de um janota que lhe pudesse impingir mácula ao seu caráter. Entretanto, o recato em excesso restringia as configurações que a personagem poderia estabelecer através de outras amizades e companhias. Até os lugares sociais que deveria contribuir para ampliação de suas relações sócias, representados na pouca frequência em lugares públicos, como o cinema, devido ao resguardo da companhia de uma pessoa de confiança da família, D. Margarida, não propiciava um meio para a criação de novas interdependências. Com isso, a sua educação estava limitada às dimensões familiares:

Essa reclusão e, mais do que isso, a constante vigilância com que sua mãe seguia os seus passos, longe de fazê-la fugir aos perigos a que estava exposta a sua honestidade de donzela, já pela sua condição, já pela sua cor, fustigava-lhe a curiosidade em descobrir a razão do procedimento de sua mãe. (BARRETO, 1994, p.54)

Essa citação revela como a família utilizava determinados procedimentos para estabelecer um melhor controle sobre os filhos, aqui, especificamente, a personagem Clara dos Anjos. E assim, como afirmava Althusser (1992, p. 70), “moldam por métodos próprios”, com objetivo de reprimir o comportamento dos membros familiares.

Nesse sentido, a pesquisa se desenvolveu a partir da condição racial e social da personagem feminina, em que a educação recebida dos pais vai ser fator principal para moldar o seu caráter e personalidade. Para tanto, Clara é representada pelo escritor como uma moça sem instruções e experiências diante da realidade em que vivia, o que a levou a uma não compreensão do preconceito que os grupos sociais de etnia e estratificação social diferentes do seu tinham em relação aos pobres e mulatos.

Repensando as relações sociais, Elias (2002, p.213) concede à família a legitimação para se fazer um dos instrumentos responsável pelos enclaves sexuais e todas as funções íntimas de homens e mulheres. A família seria um instrumento que a sociedade se utiliza para a reprodução de comportamentos e valores, que exacerbam as diferenças entre o homem e a mulher, em detrimento desta última. No caso de Clara dos Anjos, esta foi educada sob os olhos vigilantes dos pais. “A filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, nas suas condições, talvez lhe fossem prejudiciais.” (BARRETO, 1994, p.42).

Esta concepção acerca da educação da mulher, visto que elas não tinham uma instrução adequada para a vida, tornavam-nas ingênuas, ao ponto de serem facilmente seduzidas por mandriões. Clara dos Anjos fora criada sobre os olhos vigilantes dos pais, e não tinha relação com as moças de sua idade, o que se tornou algo prejudicial, pois ela não tinha contato com o mundo fora da sua casa. Neste sentido, ao analisarmos a personagem feminina, observamos que ela está condenada a ser vítima de Cassi Jones.

A partir do critério de representação concebida por Roger Chartier (2002, p.95-97), a violência simbólica depende de uma predisposição incorporada previamente para o conhecimento e o consentimento de quem a sofre, nesse caso, a dominação do homem sobre a mulher, que através de uma série de dispositivos, como a divisão de tarefas, leva a garantir que as mulheres consentam nas representações para a própria sujeição.

Clara dos Anjos teve seus conhecimentos, experiências e práticas perfilado pelo ambiente sociocultural. A educação que recebeu estava vinculada a uma concepção inerente à sua própria vida e aos acontecimentos, às experiências e às práticas no contexto social em que vivia.

As personagens Clara do Anjos e Cassi Jones encontravam-se em processo educativo. Assim, assim, a personagem feminina, por não ter uma educação voltada para a realidade em que vivia, não poderia ter amadurecido e tido o discernimento sobre as intenções de Cassi Jones. Por sua vez, este, com a formação que recebeu, principalmente da mãe, não poderia crescer e agir de outra maneira, “sem nenhuma força moral” (BARRETO, 1994, p.33-34). Ambos foram educados para representarem involuntariamente os papéis, com suas particularidades de homem e mulher, respectivamente como Cassi e Clara.

A introjeção de uma aprendizagem se faz com tanta eficácia no indivíduo que chega a ser considerada uma segunda natureza. É por isso que se passa a considerar, aos olhos do senso comum, determinados comportamento e valores adquiridos como uma realidade naturalizada, algo imanente ao indivíduo.

Engrácia, cujos cuidados maternos eram louváveis e meritórios, era incapaz do que é verdadeiramente educação. Ela não sabia apontar, comentar exemplos e fatos que iluminassem a consciência da filha e reforçassem-lhe o caráter, de forma que ela mesma pudesse resistir aos perigos que corria (BARRETO, 1994, p. 54).

D. Engrácia, mãe de Clara, tinha medo do que poderia acontecer com a filha, por isso a mantinha sob restrita vigilância. Não deixar Clara sozinha e não permiti-la sair com outras amigas fazia parte da disciplina familiar. Para Foucault (1999, 177-78) a disciplina é uma modalidade de exercício do poder, que está no cerne das instituições, e no caso específico da família, um modo

de organizar seus mecanismos internos de poder (um dia se precisará como as relações intrafamiliares, essencialmente na célula pais-filhos, se ‘disciplinaram’, absorvendo desde a era clássica esquemas externos, escolares, militares depois médicos, psiquiátricos, psicólogos, que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e anormal).

Na convivência entre mãe e filha estabelece-se uma relação de poder através de uma disciplina, caracterizada por uma grande vigilância da mãe sobre a filha. A maneira como ela exercia essa modalidade de poder, a disciplina, era manter Clara sob seus olhares. E olhares maternos estão postos no cotidiano da casa, da família, observando os pequenos gestos da filha, aparentemente um olhar sem pretensões de controle, mas de grande eficácia, pois segundo Foucault (1999), “as disciplinas íntimas, os panoptismos de todos os dias podem muito bem estar abaixo do nível de emergência dos grandes aparelhos e das grandes lutas políticas”. (p. 184).

Para tanto, com essa reclusão e a falta de uma educação adequada, a filha de D. Engrácia, Clara “não podia adquirir uma pequena experiência da vida [...] a sua pequenina alma de mulher, por demais comprimida, havia de se extravasar em sonhos, em sonhos de amor” (BARRETO, 1994, p. 54). E nessas ilusões de amor deixa-se seduzir por Cassi Jones e engravida dele, que conhecendo bem o perfil das suas vítimas, fez de tudo para atingir seu objetivo e não arcar com as conseqüências. No caso de Clara dos Anjos, ele foge do Rio de Janeiro para São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na análise da obra de Lima Barreto percebemos a preocupação com a temática relacionada à relação de gênero, tratando em denunciar o preconceito racial e a dominação masculina. Ele se opõe às concepções negativas sobre as mulheres, denunciando a exclusão social na sociedade brasileira, nas primeiras décadas do século

XX. Nesse sentido, enfocamos a questão da condição da mulher, quando vítimas de preconceito, em que são representadas pelo escritor através das suas personagens.

Na obra *Clara dos Anjos*, a análise identificou a situação da personagem Clara dos Anjos, uma mulata que depois de ser abandonada por Cassi Jones, e humilhada pela mãe dele, toma consciência de sua posição social e étnica na sociedade, e se considera diferente das outras moças.

Um dos pontos principais abordados no romance foi a questão da educação familiar recebida pela personagem feminina, que não foi adequada para a realidade em que vivia, já que se limitou às dimensões familiares, o que restringiu as configurações que poderia estabelecer com outras amigadas e companhias. Por outro lado, Cassi Jones, personagem que Clara dos Anjos estabeleceu uma configuração amorosa, recebeu uma educação mais descuidada. Mas, ambos foram educados para representarem seus papéis de homem e mulher na sociedade.

Para tanto, constatamos que a educação age como fator principal para moldar o caráter das personagens retratadas no livro. E a família como instrumento do qual a sociedade se utiliza para a reprodução de comportamentos e valores. Na obra, as convivências familiares possibilitaram estabelecer uma relação de poder através de uma disciplina, caracterizada por uma grande vigilância da mãe sobre a filha. Essa vigilância não permitiu que a personagem feminina adquirisse uma experiência de vida, o que a fez ser facilmente persuadida por Cassi Jones.

A partir das leituras interpretativas de *Toda a Crônica* (2004), podemos observar que, ao contrário dos comentadores que o rotulam ora como misógino ora como filógeno, Lima Barreto pode ser considerado como um escritor que denunciou as injustiças sociais da sua época. Deste modo, rotulá-lo dessa maneira seria tê-lo em uma perspectiva maniqueísta, sem se reconhecer a complexidade de suas posições, fundadas em uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais e discriminação étnica, pois ele não era contra ou a favor das mulheres, era contra as injustiças provocadas pela sociedade.

Por outro lado, se considerarmos as suas críticas ao feminismo, percebemos que o escritor não aceitava as proposta pequeno-burguesas do movimento feminista, formado por membros de estratificação social elitista e pelos procedimentos de legitimar suas reivindicações junto ao poder público. Na verdade, ele não tinha a intenção de se colocar contra os anseios femininos, pois em diversos momentos era a favor da igualdade entre homens e mulheres. De um modo geral, essa visão de Lima

Barreto com relação às mulheres foi possibilitada pelas suas experiências de vida e das suas relações interpessoais.

Através da análise da biografia de Lima Barreto, vimos que o autor foi uma pessoa que trouxe na pele, desde criança, as injustiças sociais e raciais. Mestiço, pobre e desajustado na família e na sociedade, escreveu, como ele próprio dizia, para escandalizar. A sua condição na sociedade ditou o caráter de suas obras.

Com a compreensão de toda a sua trajetória e experiência de vida, concluímos que o autor escreveu contra a sociedade que o marginalizava, de forma crítica e ironizada no que toca às relações de poder encontradas na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, retratou de forma contundente a realidade em que viveu, denunciando o preconceito racial e as injustiças sociais que não só eram percebidas como também vivenciadas pelo autor.

Identificamos que Lima Barreto tinha, como ninguém, uma sensibilidade e percepção aguçada de justiça e do direito à igualdade. Seu grande ressentimento era relativo à sua origem étnico-social, e sua maior ambição se situava na busca do reconhecimento literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1992.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Romance. São Paulo: Editora Ática, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Difel, 1990. (Col. Memória e Sociedade).

_____. *A História Hoje*: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v. 7, no. 13, p. 1-12 1994.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v.1.

_____. *Introdução à Sociologia*. Trad. Maria Luisa Ribeiro Ferreira. Lisboa: edições 70, 1970.

_____. *O processo civilizador: A formação do Estado e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. 1993, v. 2.

_____. *A sociedade de corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FREUD, Sigmund. El Moisés de Miguel Angel (1914). In: _____. *Psicoanálisis aplicado: ensayos sobre la aplicación del psicoanálisis a la literatura, el arte, la religión, la mitología, la guerra y la paz*. Trad. Ludovico Rosenthal. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1954. (Obras completas, v. 23).

FOLCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 21.ed. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Pensar categorias em História da educação e Gênero*. Projeto História. São Paulo: 1994, p.19-29.